

Nomadismo,Arte de Rua e Mangueio:estudo etnográfico a partir do “fazer semáforo” na cidade de Pelotas-RS

VITÓRIA DE LIMA CARDOSO¹; ORIENTADORA : FLAVIA MARIA RIETH²

¹ Universidade Federal de Pelotas– vitória.about@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas –rieth.flaviamaria@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta da pesquisa Nomadismo,Arte de Rua e Mangueio:estudo etnográfico a partir do “fazer semáforo” na cidade de Pelotas-RS, que consiste no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Graduação em Antropologia, da Universidade Federal de Pelotas, orientado pela Profa. Dra. Flávia Rieth e coorientado pela Profa. Dra. Daniele Bezerra. Este estudo tem como tema a dimensão performativa dos agentes que utilizam malabares e outras práticas artísticas, como modo de vida e trabalho nômade, nas ruas da cidade de Pelotas, RS/Brasil.

Esta pesquisa se constitui como uma tentativa de entender as principais motivações pelas escolhas dos semáforos como território de atuação e as dinâmicas a partir deste espaço, assim como compreender como se constroem estes corpos nômades. Situa-se na área de Antropologia Urbana, considerando os debates acerca das mobilidades. E apresenta relação com a área da Antropologia Visual, como um meio privilegiado de “narrar e descobrir” (GURRAN,1997) o campo empírico em questão, atentando para as dimensões da experiência (Dawsey, 2005).

As reflexões teóricas abrangeram temáticas como:trabalho informal, arte de rua, performance,nomadismo.

2. METODOLOGIA

O início do percurso foi traçado a partir da observação de minha inserção na Ocupação Coletiva de Arteirxs, popularmente conhecida como O.C.A, no período de 2017 a 2019, em Pelotas, no Rio Grande do Sul/ BR. Os procedimentos metodológicos adotados durante o processo de pesquisa foram: método de observação participante (Malinowski,2018) e observação flutuante (Pétonnet, 2008). Neste sentido, o percurso metodológico se deu de forma híbrida, na medida em que a pesquisadora se propunha a acompanhar o trajeto dos artistas de rua e suas territorializações na cidade, partindo de seu próprio corpo e também da afecção (FAVRET-SAADA,2005) gerada em campo.

A afecção ato de deixar-se afetar pelo ambiente e pelas pessoas, situações, coisas o que desencadeou o engajamento nas malhas (INGOLD, 2012) de relações com os interlocutores e interlocutoras em campo.

A partir de revisão bibliográfica e reflexão sobre o tema, busquei desnaturalizar estas afecções e engajamentos gerados nas relações com os interlocutores. As experiências foram registradas no diário de campo por

intermédio de diversas grafias tais como: a escrita textual, o desenho (AZEVEDO, 2016; KUSCHNIR, 2016) a fotografia. Elaborei montagens verbo-visuais (BRUNO, 2007) que compuseram o diário gráfico sobre o processo de pesquisa.

Este trabalho contou com a colaboração de mulheres jovens por volta de 20-30 anos e homens da mesma faixa etária. Alguns de nacionalidade argentina e outros de nacionalidade brasileira. Estes e estas são malabaristas de rua, artistas de rua, aprendizes de malabares e outras artes circenses que vivem ou transitam pela cidade de Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O envolvimento da pesquisadora com a O.C.A resultou na afecção e inserção na malha (INGOLD, 2012) do “circuito alternativo” da cidade. Abaixo apresento o esboço dos lugares percorridos pelos interlocutores (Figura 1), que constituem os pontos de referência na cidade. São os lugares de encontro e treino, bem como, os semáforos em que os interlocutores atuaram e onde fiz minha participação como aprendiz de malabares. São os percursos de perambulação na cidade.



Acompanho as lógicas de trocas de saberes nômades, manguêio artístico, com os interlocutores e interlocutoras, além do desenvolvimento de habilidades artísticas, que possibilitaram à etnógrafa perceber a lógica do nomadismo vivida pelos interlocutores. Dinâmicas expressas no *fazer semáforo* feitas por eles e elas, que configuram o *manguêio artístico* como via de trabalho e modo de vida dos sujeitos.

Com relação aos aprendizados na rua, coloco-me como “aprendiz de malabares” em alguns semáforos junto aos malabaristas, buscando este saber-

fazer com. As situações de campo trazem à tona a discussão do “fazer semáforo” e quem seria ou não considerado artista e, evidenciam as dinâmicas que surgem a partir do contato com a rua. Nesse sentido, podemos acompanhar a seguir o relato de Will, artista de rua e de Paulo, malabarista de rua sobre as dinâmicas dentro e fora dos semáforos e suas diferenciações:

“considero artista quem se apresenta na rua, seja em praça, seja no semáforo, seja malabarista ou alguém que apresente outras habilidades circenses.” (Will, diário de campo, dia 11 de maio de 2021, conversa pelo *Instagram*).

Entretanto, Paulo, quando perguntei a ele, enquanto estávamos no semáforo, se o malabares feito na rua seria arte, ele diz: “não, se pensarmos que a pessoa que aprendeu a fazer malabares, começou com laranjas, a pessoa não vai se ver como artista.” (Diário de campo, Paulo, 15 de outubro de 2019). E, nisso, enquanto conversávamos, outro malabarista que estava no semáforo conosco o interpelou e disse: “para ser malabarista precisa treinar pelo menos 1h por dia. Se não, é preguiçoso.” (Diário de campo, Lucas, 15 de outubro de 2019).

O fazer malabares nos semáforos segundo Silva (2013) transitaria em arte, trabalho e vadiagem. A partir disso, entendo este fazer como modo de vida por estar atrelado a práticas de viagem e ao *mangueio* como também ao mundo do trabalho, que neste caso estaria dentro de uma lógica contracultural. A ideia de improdutividade relacionada a este trabalho coloca a atuação no semáforo como um “não-trabalho”, algo que subverte a lógica vigente em que o semáforo, a princípio pensado como um lugar de trânsito, exerce uma pausa. A partir de sua ressignificação, o espaço do semáforo é reterritorializado pelos sujeitos que nele atuam, pois as práticas lúdicas e poéticas de arte, ócio e jogo, relacionadas ao fazer malabarismo estariam indo contra a ideia de trabalho, relacionado ao sacrifício (do tempo) e à produtividade.

Em outro momento do trabalho de campo, o semáforo tomou outra forma, podendo também transformar-se em palco de uma performance, associando a atuação dos malabaristas a práticas artísticas a partir das coisas manuseadas. Nestas situações, é identificado o processo de caracterização dos artistas antes das apresentações, tais como: pintar o rosto, colocar o chapéu e a roupa, o que configurou na mudança de status da rua que passa de sinaleira para palco..

4. CONCLUSÕES

Esta pesquisa contribui para fornecer outros pontos de vista sobre estes corpos nômades e suas performances. Além disso, demonstra por intermédio de outras formas narrativas, maneiras de se territorializar e reterritorializar na cidade, bem como sensibilizar outras pessoas para estas dinâmicas. Contribui ao apresentar um ponto de vista “de dentro”, situacional, a partir das relações entre lugares, pessoas e coisas nos semáforos, nas praças e nas ocupações dos centros urbanos. Evidencia a lógica do nomadismo que mobiliza o movimento próprio deste modo de vida, em que o *mangueio artístico* possibilita transitar entre os espaços da informalidade do trabalho na rua.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Aina. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. **Áltera–Revista de Antropologia, João Pessoa**, v. 2, n. 2, p. 100-119, 2016.

BRUNO, Fabiana. **Cartografia verbovisual da velhice: fotobiografias e montagens de memórias. Revista Chilena de Antropologia Visual**. Nº 10, Santiago, dez. 2007. 30-53 p. Disponível em http://www.rchav.cl/2007_10_art02_bruno_&_samain_por.html#Layer2 . Acesso em: 19 de jun. de 2021.

DAWSEY, John C. Victor Turner e antropologia da experiência. **Cadernos de Campo (São Paulo 1991)**, v. 13, n. 13, p. 163-176, 2005.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Tradução: Paula Siqueira. Cadernos de campo. nº 13, 155-161 p. 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50263/54376>. Acesso em 19 de jun. de 2021.

GURAN, Milton. **Fotografar para descobrir, fotografar para contar**. Dossier 1 imagem. Anais do GT 26: Antropologia Visual e da Imagem. II Reunião de Antropologia do Mercosul. 1997

MANLINOWSKI, Bronisław. *Argonautas do pacífico ocidental*. **Ubu Editora LTDA-ME, 2018**.

SILVA, Juliana. Oliveira. Ser, estar e fazer: notas sobre circo de rua na Amazônia. **PROA Revista De Antropologia E Arte**, v. 2, n. 7, p. 25 - 46, 2017. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/2853> Acesso em: 22 de Jul. de 2021.

PÉTONNET, Colette. A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. -Niterói: **Antropolítica**. n.25, p.99-111, 2008.

KUSCHNIR, Karina. "A antropologia pelo desenho: Experiências visuais e etnográficas." **Cadernos de Arte e Antropologia 5.2 (2016)**: 5-13.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.